

XII

JORNADAS DE INVESTIGACIÓN

16, 17 y 18 de SETIEMBRE 2013

FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES
UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA

DERECHOS HUMANOS EN EL URUGUAY DEL SIGLO XXI

LIBERTADES

DIVERSIDAD

JUSTICIA

**Crianças, leituras e infâncias: investigando
práticas na educação infantil**

Maria Cristina Madeira
Júlio César Madeira

CRIANÇAS, LEITURAS E INFÂNCIAS: INVESTIGANDO PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Maria Cristina Madeira²
PPGE/UFPeI

Júlio César Madeira³
PPGE/UFPeI

Resumo

Este trabalho investigativo teve como objetivo retratar uma experiência educativa com as seguinte temática: leitura com crianças na educação infantil. Esta prática realizou-se em uma comunidade escolar no município de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. Entre os anos de 2002 a 2007. Em relação ao local pesquisado podemos analisar que o mesmo tratava-se de um lugar com a presença marcante de carência de bens materiais e simbólicos, configurando-se esse espaço como um lócus de violência e vulnerabilidade social. Como proceso metodológico utilizou-se a investigação-ação como mecanismo para a obtenção de dados mais sintonizados com a prática vivenciada nesse contexto. Nesse sentido, ela permite a realização de uma reflexão do próprio pesquisador em sua prática profissional. Com o desenvolvimento desta pesquisa pôde-se perceber que estar em contato com a cultura escrita através de práticas e eventos de letramento desde a infância, faz com que a criança naturalmente se familiarize com a língua materna ajudando na sua oralidade e na futura compreensão de mundo. Por meio de uma concepção pautada pelo diálogo e pela construção de uma sociedade mais justa, nos dedicamos a problematizar que através da educação o sonho se torna realidade.

Palavras-chave: Educação Infantil. Criança. Cultura Escrita.

¹ Trabajo presentado en las XII Jornadas de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales, UdelAR, Montevideo, 16-18 de setiembre de 2013.

² Professora da Rede Municipal de Educação. E-mail: freirefreinet@hotmail.com

³ Professor de Sociologia da Rede Estadual de Educação. E-mail: juliocesarmadeira@gmail.com

Este trabalho trata de pensar algumas reflexões vivenciadas na educação infantil, principalmente em relação às práticas experienciadas em uma dada realidade escolar, buscando dialogar com escritos anteriores já realizados nessa modalidade de educação.

Desde o ano de 2002, quando se iniciou um trabalho junto à educação infantil, pensamos na possibilidade de realizar algo que sempre acreditamos que mexe conosco desde a infância, por sabermos da dificuldade das crianças de classes populares possuírem em se tornarem leitoras e escritoras. Nosso sonho, foi o de construir junto com o grupo de educadoras da infância de uma escola de educação infantil, uma proposta de educação para as crianças pequenas, na qual elas estivessem mergulhadas em um ambiente de letramento, no entanto, sem esquecer do brincar, que é o que de mais sério faz uma criança.

Percebemos que havia possibilidades dessa realização, talvez fosse o momento, quem sabe a hora certa, pois as educadoras mostravam vontade de realizar uma prática diferente, na qual as crianças mostrassem interesse. Sempre soubemos da importância de manter as crianças desde muito pequenas num ambiente de letramento, pois é muito importante que elas ouçam leituras de histórias, (MELLO, 2005), porque a leitura oral desenvolve sua imaginação, vocabulário juntamente com gosto e hábito de ler. Pensamos ser possível em um ambiente escolar, possibilitar às crianças esse contato com o letramento, visto que nessa escola as crianças são integrantes de um grupo social de baixa renda e escolaridade. Por que furtar-lhes dessa apropriação comum às crianças de meios sociais de maiores recurso econômicos e maior escolaridade?

O objetivo consistiu em dar oportunidade às crianças para se tornassem leitoras pela simples categoria do prazer em ler, realizando um trabalho sistemático com a literatura infantil com todas as classes. No entanto, com as classes da Pré-escola, esta proposta foi muito bem acolhida pelas crianças que expressaram seu contentamento e alegria. Não estamos dizendo que com as crianças menores a receptividade tenha sido ruim, mas com crianças pequeninhas a lógica é outra, sua concentração e atenção são de tempos menores e a história deve ter poucas letras e mais imagens.

Nós não inventamos essas práticas de literatura, porque quando chegamos à escola as educadoras liam para as crianças, mas não era uma preocupação que trazia em seu bojo o letramento como conceito chave de uma proposta na educação infantil. As leituras de histórias eram esporádicas, algumas classes liam muito, mas outras menos, algumas nem liam. No entanto, a partir desse período, quando optamos por trabalhar com o letramento, com suas

práticas e eventos, consolidamos essa proposta como “carro chefe da proposta pedagogia da escola”, isto porque, as educadoras como um todo assumiu essa perspectiva de despertar o letramento no trabalho com a educação infantil.

Para alcançar este objetivo (Freire, 1998, p. 155) nos instiga à reflexão radical:

Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar no mundo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. Minha abertura à realidade negadora de seu projeto de gente é uma questão de real adesão de minha parte a eles e a elas, a seu direito de ser. Não é mudando-me para a favela que provarei a eles e a elas minha verdadeira solidariedade política sem falar na quase certa perda de eficácia de minha luta em função da mudança mesma.

As educadoras conscientizaram-se de sua importância no processo de transformação social via letramento na compreensão do texto escrito lido por elas e no texto do contexto vivido. O letramento é resultado da significação encontrada pelas crianças com o texto, é necessário um sentido entre o que foi lido e a sua contextualização, vindo assim, possibilitar a apreensão dos usos da língua, (SOARES, 1998; KLEIMAN, 2005).

No ano de 2003, foi criado o primeiro projeto de leituras de literatura infantil intitulado, Projeto Brincando com a leitura: a construção de um ambiente alfabetizador, que buscou organizar práticas diárias de letramento do Berçário ao Pré-escolar. Este projeto pedagógico surgiu a partir de observações feitas na escola; realizou-se uma pesquisa para verificar se existiam práticas de leitura e escrita por parte das crianças e famílias das classes populares. Com base nesse estudo e seu resultado, foi elaborada a proposta pedagógica dessa escola de educação infantil, que consistiu em apresentar e manter as crianças em contato permanente com a leitura dos mais variados gêneros de diferentes portadores de textos. Para tanto, foram desenvolvidas atividade desse gênero, com as turmas do pré-escolar nível 1 e 2 do ano letivo de 2003. Essas crianças demonstraram interesse e gosto por atividades que envolvem práticas de leitura, e isso se deve ao contato que as mesmas têm no interior da escola, onde há a presença de um ambiente alfabetizador, que conduz ao letramento, juntamente com o brincar e o desenvolvimento da oralidade.

Já havia sido feita uma pesquisa sobre esta temática na escola, nesse estudo, buscou-se a verificação da existência de práticas de leitura e escrita entre as crianças e suas famílias. O

resultado evidenciou que as famílias populares demonstraram interesse pela leitura e tinham em seu imaginário ver suas crianças permanecer muito tempo na escola e saber ler com compreensão.

Com base no resultado, foi elaborada a proposta pedagógica da escola de educação Infantil, que consistiu em apresentar e manter as crianças em contato permanente com a leitura dos mais variados gêneros de diferentes portadores de textos⁴, num ambiente de letramento.

Para tanto, foram desenvolvidas atividade desse gênero, com as classes do pré-escolar nível 1 e 2 do ano letivo de 2003, com a colaboração das educadoras. Essas crianças demonstraram interesse e gosto por atividades que envolviam práticas de leitura, isso foi originado pelo contato que as mesmas tiveram no interior de uma escola em que havia a presença de um ambiente dialógico e de letramento, juntamente com o brincar e o desenvolvimento da oralidade. Para Andreola (1999, p. 77):

Numa educação dialógica, o papel do professor como educador não é minimizado. Pelo contrário, os/as professores/professoras aceitam um desafio muito maior e assumem uma tarefa muito mais relevante, decisiva do que serem meros repassadores de conteúdos prontos. Eles são os responsáveis primeiros e os animadores de um processo crítico e inovador, onde o conhecimento é continuamente criado ou recriado (mesmo o conhecimento como patrimônio já acumulado), numa dinâmica marcada por uma interação rica e fecunda, onde todos, professores e alunos são sujeitos.

O diálogo pressupõe uma relação de horizontalidade, talvez seja mais difícil aquela em que os adultos, se permitirem a um diálogo aberto e permeável às crianças. Descobrir como o diálogo pode gerar fertilidade no conhecimento foi sempre nossa preocupação, além de recompor ferramentas e técnicas para que esse diálogo pudesse adquirir status de conhecimento escolar, em meio a processos de aprendizagens, pautados na vida dos sujeitos.

Através da literatura infantil, dos desenhos, das dobraduras, do teatro e da oralidade, foi oportunizada às crianças a possibilidade de um contato mais íntimo com a cultura escrita e as linguagens infantis. As educadoras ao acompanharem o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, percebendo o quanto as crianças se envolviam com prazer em atividades de leitura, deram um maior sentido ao trabalho que estavam desenvolvendo.

Sempre acreditamos que as práticas de leitura de literatura infantil pudessem

⁴ Portadores de textos: tem aqui o sentido de materiais escritos impressos, por isso fala-se que, estes devem ser oportunizados às crianças nas mais diversas formas e gêneros – poesias, contos de fadas, reportagens, histórias de ficção, convites, cartas, etc. –, uma vez que por intermédio da leitura desses escritos, há a familiarização com os mesmos, construindo nas crianças o sentido de como se lê e como se escreve.

contribuir para o desenvolvimento do gosto e do prazer das crianças em suas formações como leitoras. Essa escola buscou, portanto, por meio do brinqueado, do lúdico, através dos jogos simbólicos, oportunizar as crianças o contato com a literatura infantil. Assim como com os mais diversos tipos e portadores de textos utilizados na prática cotidiana social. De acordo com ZEN (1977, p. 133):

As condições de acesso à leitura – variedade de materiais, situações de investigação - são mediadores importantes, mas não determinam, decisivamente, a formação de bons leitores, embora facilitem a apropriação dos conceitos relacionados à natureza da linguagem escrita.

Dalla Zen nos fala que essas estratégias que buscam trabalhar com as crianças os mais variados estilos e tipos de portadores de textos, porque podem contribuir para a formação do interesse e do gosto pela leitura. Essas ações proporcionam às crianças, desde a Educação Infantil, pela escuta de leitura de histórias e pelo manuseio de livros, uma maior facilidade e aproximação com o sistema da escrita da língua materna.

A Hora do Conto ocorria inicialmente em cada classe, as educadoras liam diariamente história às crianças, tornando-se um momento de interação e participação de toda a classe. Na escola investigada por falta de livros e de uma biblioteca, eram lidos os clássicos por ser de mais fácil acesso economicamente às educadoras.

Uma constatação que tivemos, e nos chamou atenção foi o fato de que cada criança tem a sua história preferida, ficamos impressionados ao ver suas preferências e escolhas, o que vem reafirmar que a criança é um ser social com direito de expressar-se e ser respeitada. Observamos que na prática que as crianças leem com os ouvidos pela voz de outra pessoa alfabetizada, o que vem ao encontro do que dizem, (BRITTO, 2005; AMARAL, 2005; FARIA, 2005; BAJAR, 1999; BAJAR, 2007).

O que será narrado, permanece em nossas lembranças como se estivéssemos assistindo uma filmagem, essas imagens que ficaram na memória, de um dia que fomos assistir a hora da leitura na turma do Pré-escolar 2A em 2003, quando ao final desse evento, as crianças foram para trás do palco de fantoches ler à história ouvida através da voz da professora e da imagem das ilustrações. Quando uma menina da turma com diversos e sérios problemas familiares, ao ler a história de Chapeuzinho Vermelho, a menina disse: “Chapeuzinho Vermelho bate à porta”. E o Lobo Mau que estava disfarçado de vovó, respondeu: “A porta está aberta, puxe o trinco e ela se abrirá”. Olhei aquela criança que tantas

vezes foi agressiva e mal educada com as pessoas da escola com palavras e ações, usava uma linguagem que não era própria à sua idade, uma fala que agredia a todos, falar com tanta emoção e delicadeza ao apresentar a história.

Mas, quando estava lendo a história pelas imagens que via a partir do que ouviu fazia uma ponte entre a linguagem coloquial, e a culta. O que ficou desse episódio foi a constatação do poder da leitura na vida das pessoas, em especial das crianças.

Assim, como no caso desta menina, constatamos por observações que a quase totalidade da turma tinha outra forma de falar, diferente da forma que liam ou contavam histórias, repetindo o que ouviram, (BRITTO, 2005). As crianças faziam concordância de número e gênero, conjugavam os verbos idênticos ao código escrito, relacionando-os com a pessoa verbal. O que vem confirmar, a cultura escrita é algo muito mais profundo do que pensar em alfabetizar crianças pequenas, ela consiste em fazer com que as crianças comecem a pensar de modo escrito.

Crianças da turma de 2003 em evento de letramento (Fotos do acervo da escola)

As crianças ao manusearem livros, leem como um momento natural no cotidiano da vida na escola infantil, pareciam familiarizadas com os livros, também ficou evidente que quando as crianças têm uma atividade que gostam, organizam-se e se disciplinam, porque estão envolvidos com a proposta pedagógica que lhes é interessante.

A hora do conto em classe era constituída de alguns momentos, como por exemplo, do registro do que mais as crianças gostaram da história, nessas ocasiões, as educadoras percorriam as mesas e iam conversando com as crianças que registravam sob a forma de desenhos, quando queriam escrever convencionalmente diziam à educadora, e esta assumia a condição de escriba. Essas páginas construídas pelas crianças vão formar o livro da vida da turma⁵.

O hábito de ler história tornou-se uma constante, aos poucos as classes começaram a convidar-se para assistir a esse momento que encantava tanto crianças como educadoras, as classes do Pré-escolar seguidamente realizavam alguns, momentos de leitura de histórias juntas, já as dos maternais também se integravam motivadas pelas histórias que eram mais do interesse às crianças pelo seu nível de desenvolvimento.

No entanto, a classe do Berçário por ser constituída de bebês até um ano a dois anos,

⁵ Nesta escola a quase totalidade dos Livros da Vida eram temáticos, ou seja, a cada tema desenvolvido junto com as crianças eram realizados registros que faziam parte deste documento.

no início ficava excluída realizando esse momento só com as crianças da classe, mas esse fato inicial não prejudicou em nada a proposta lançada nessa escola em relação à Hora do Conto. Diariamente os pequeninhos começavam a ouvir a leitura de histórias infantis, a sala foi sendo preparada com letras, por exemplo, no suporte em que eram colocadas as bolsas das crianças tinham seus nomes bem coloridos, e em pouco tempo elas apontavam qual era a sua.

A história nessa classe tornou-se um momento desejado pelas crianças, quando uma das educadoras responsável pela atividade em determinado dia dizia vamos ouvir histórias, as crianças que já andavam, corriam, pegavam uma almofada e sentavam-se no tapete perto da educadora com o livro de histórias nas mãos. O livro para as crianças pequenas foi visto como um brinquedo que trás muitas coisas novas em suas imagens e palavras proferidas por uma outra pessoa alfabetizada.

A partir dessa época um outro projeto surgiu naturalmente, em uma reunião pedagógica ficou decido que semanalmente seria feita a Hora do Conto coletiva, que seria um momento de interação e socialização entre todas as crianças da escola. Elas se encontrariam em uma sala para ouvir a leitura de histórias, em muitas vezes as histórias eram e ainda são dramatizadas pelas crianças, ou em outras vezes pelas educadoras.

As educadoras dramatizavam uma história para as crianças e para as educadoras de toda a escola. Observa-se que para que as crianças interpretassem uma, as educadoras usavam alguns recursos como vocalização, emoção, enfim transcreviam sonoramente o texto da história. E esse era compreendido pelas crianças e ainda mais, eram significativo à elas, porque como nos fala (STREET, 2003), tratava-se de um letramento ideológico porque o leitor reconhece através do texto sentidos atribuídos ao seu cotidiano. Não havendo a preocupação de ensinar a criança pequena em ler, mas ela começa a pensar de forma escrita, (BRITTO, 2005). Um dos objetivos desse trabalho foi o de fazer com que as crianças fossem perdendo naturalmente o constrangimento em se apresentar em público, exercendo seu pleno direito cidadão, participando da cultura escrita.

Normalmente ao término da leitura, quem lia a história realizava questionamentos às crianças, os quais conduziam a uma avaliação da compreensão que tiveram do que escutaram. Elas iam respondendo, ia se percebendo se entenderam, ou não, como estavam juntas as crianças menores trocavam aprendizagens ao ouvir dos maiores, explicações sobre a leitura feita. Esse momento era festivo, porque respondiam, questionavam, cantavam e muitas vezes dançavam.

Reflexões trazidas com a prática na educação infantil

Estar em contato com a cultura escrita através de práticas e eventos de letramento desde muito pequena, faz com que a criança naturalmente se familiarize com a língua materna ajudando na sua oralidade e na futura compreensão de mundo. A leitura de mundo de Freire (1987) pode ser comparada a essa tendência atual dos processos de aprendizagem da língua escrita que conferem à multiplicidade de portadores de texto a aprendizagem da variação, do gênero e do uso da escrita na sociedade. As crianças na maioria das vezes não sabiam exatamente o que estava escrito, mas já sabiam que tipo de texto era, para que servia, por quem eram usados e outros tantos usos a descobrir.

Essa escola de educação infantil trouxe as marcas da leitura sob diferentes formas, fosse no mural onde ficavam expostos trabalhos realizados pelas crianças, ou nas classes, enfim, as marcas da cultura escrita estavam presentes no espaço escolar das crianças da comunidade em que ela estava inserida.

Referências

ANDREOLA, B. A. 1999. Interdisciplinaridade na obra de Freire: da Simbiogênese e da Solidariedade. In. Streck, Danilo (Org). Petrópolis, RJ: Vozes.

BAJARD, É. 2002. Caminhos da escrita: espaços da aprendizagem. 2º ed. - São Paulo Cortez.

_____. 1999. Ler e dizer; compreensão e comunicação do texto escrito. 2ª ed. São Paulo: Cortez.

_____. 2007. Da escuta de textos à leitura. São Paulo: Cortez.

BRITTO, L. P. L. 2005. Letramento e Alfabetização: Implicações Para a Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. e MELLO, Suely Amaral. O Mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância. Campinas: Autores Associados.

FARIA, A, L. G. 2005. Sons sem Palavras e Grafismo sem Letras Linguagem, Leituras e Pedagogia na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. e MELLO, Suely Amaral (org.) O mundo da Escrita no Universo da Pequena Infância. Campinas: Autores Associados,.



FREIRE, P. 1987. *Pedagogia do Oprimido*. 17.ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____. 1998. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

KLEIMAN, A. B. 1995. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das letras.

MELLO, S. A. 2005. O Processo de Aquisição da Escrita n educação Infantil: Contribuições de Vygotsky. In: FARIA, Ana Lúcia, Goulart. e MELLO, Suely Amaral. (orgs.). Campinas, S P: Autores Associados.

SOARES, M. 1998. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.

_____. 1997. *Linguagem e Escola uma perspectiva social*. São Paulo: Ática.

STREET, B. 2003. *Abordagens Alternativas ao Letramento e Desenvolvimento*. Apresentado durante a Teleconferência UNESCO Brasil sobre 'Letramento e Diversidade', Outubro de 2003. [En línea] <http://www.unisesi.org.br/portal/arquivos/biblioteca/12>, [Consulta: 20-09-2008].

ZEN, M. I. D. 1997. *Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem linguística, pedagógica e social*. Porto Alegre: Mediações.



Facultad de
Ciencias Sociales



UNIVERSIDAD
DE LA REPÚBLICA
URUGUAY